

Festival Literário da Madeira

VIAGEM A UMA PERIFERIA CENTRAL

CARLOS QUIROGA

Século XV, ano 18. Caravelas farejando a costa africana são lançadas à deriva por um vendaval. No desespero, avistam pequena ilha redentora que para elas e o orbe será Porto Santo. Ano a seguir volta Zarco mas o pavor acampara entre os deixados a povoar, que falam de confusa

fama citada por Manuel de Melo: *Que aparecia no golfo do mar certa escuridão contínua e cerrada desde a água ao Céu, a qual jamais se desfazia ou alterava, mas com medonho ruído –que alguma vez se ouvia no Porto Santo– parecia guardada sobrenaturalmente.*

Adverte ainda ter-se por impossível ou milagroso que quem perdesse a terra de vista pudesse tornar a ela, pois até àqueles tempos ninguém navegava por altura mas junto à costa. Assim aquela escuridão era geralmente julgada por um abismo, e ainda com esse nome nomeada . Boca do Inferno, antiga Ilha Cipango por mistério de Deus encoberta, não faltaram até Teólogos e Historiadores que abonassem o temor, e tratar da averiguação seria erro e pecado manifesto contra a Providência divina. Mas Zarco conseguiu convencer os seus homens, porque

“ Desta vez o calendário é apertado e pouco poderei safar-me do centro urbano. Trata-se da terceira edição do Festival Literário da Madeira (FLM) e algumas das figuras que comparecem de certeza acham no charme do arquipélago um apelo invulgar. A badalada Naomi Wolf por exemplo. Noutra parte um encontro assim até seria impossível



À esquerda, Francesco Valentini. À direita, Naomi Wolf

navegar é mais preciso que viver: Nunca a noite é tão escura como quando quer amanhecer , disse o Capitão aos marinheiros. E a 'remota sombra' revelou-se ilha *de imensos bosques* no meio do Atlântico, Pórtico dos Descobrimentos.

contrastes

Visitei a Madeira pela primeira vez vinte anos atrás. A fotografia barbada da primeira edição de *Periferias* é daí. Sentiam-se bem nessa altura os mil Km que distavam do centro simbólico

da Lusofonia que metaforiza o livro. A ilha terá sido portal de mundos mas fora ficando num limbo de ingleses –adoram com razão o vinho, e a lendária fuga por amor que levou lá morrer Ana de Arfet e Roberto Machino, a donzela formosís-

“ Visitei a Madeira pela primeira vez vinte anos atrás. A fotografia barbada da primeira edição de *Periferias* é daí. Sentiam-se bem nessa altura os mil Km que distavam do centro simbólico da Lusofonia que metaforiza o livro.

A ilha terá sido portal de mundos mas fora ficando num limbo de ingleses

sima a cuja mão famosa em toda a Cidade de Londres aspiravam Príncipes mas cujo amor era do raptor. Por isso mais sugestivo que a capital saturada de hotéis era perder-se no festim botânico do conjunto montanhoso, fugir para Câmara de Lobos, esquadrihar vales profundos e falésias a pico da janela de um pequeno Fiat, ou ir tomar banhos em Porto Moniz.

Mas desta vez o calendário é apertado e pouco poderei safar-me do centro urbano. Trata-se da terceira edição do Festival Literário da Madeira (FLM) e algumas das figuras que comparecem de certeza acham no charme do arquipélago um apelo invulgar. A badalada Naomi Wolf por exemplo. Noutra parte um encontro assim até seria impossível: os aviões são raios de uma roda que gira e convoca entre os continentes como nunca dantes no mar. Hoje a Madeira parece mais perto de tudo e centro de algo.

Século XXI, ano 13

3 Abril. Chegada sonolenta no princípio da manhã –a noite anterior foi curta e a saída do Porto às 07:00 acabou de estragar. Temperatura alta mas chuva e vento intermitentes. O meu voo foi calmo mas depois sei que vários aviões foram desviados no dia anterior a Porto Santo: dos convidados na véspera só o do Tordo entrara, e ele contou que os estrangeiros começaram a gritar com o aparelho dando bandeadas.

Ouvi outros relatos de aterragens medonhas, com abanões, subidas e descidas e poços de ar, mas já em 92 com o aeroporto ampliado de fresco tudo corra sem sobressalto algum. Enfim, o percurso ao hotel surpreende-me: há estradas com dupla faixa e a mancha urbana é imensa a trepar colinas, sem que contudo o verde se estrague nem o céu se ofenda com alturas. A área metropolitana do Funchal tem agora uma população superior a 225 mil habitantes e mesmo assim raros prédios algo elevados verei apenas no centro. Espalhamento muito diferente do que recordava, e infinitamente longe da estampa idílica que pintava D. Francisco Manuel:

Via-se todo coberto de viço-síssimo funcho: medicinal erva até para as serpentes, das quais se escreve não podem sem esta mezinha mudar a pele antiga com que se remoçam; que a ser concedida para os homens, fora de singular preço: Marathen lhe chamaram, sublimando-a, os Gregos; Faeniculum, os Latinos; donde nós, Funcho. Da quantidade dele, que neste campo se levantava, tomou nome:

Funchal, há muitos anos celebrado, pela Cidade ali edificada, com o próprio nome Metrópole da Ilha, e que no foro espiritual o foi já de todo o Oriente.

Também me surpreende o hotel –não estou habituado aos cinco estrelas nem a ser realmente tratado de escritor. A primeira tarefa depois de desfazer mala, enredar algo no mail e encontrar os primeiros participantes em comida rápida é uma entrevista nos estúdios da RTP. Gravação em falso directo cuja emissão não chego a ver e ainda bem, desde os tempos daquele programa sobre literatura na tv galega que não gosto de como digo. A jornalista madeirense Cláudia Rodrigues tem com ela vários livros meus e pergunta sobre eles, Pessoa, a mesa em que estarei, e às curiosidades misturam-se logicamente a galeguidade. O tempo não chega a nada.

O carro da organização põe-me no belo Teatro Municipal que por dentro me recorda o da Ópera de Manaus. Desde o dia 1 há atividades ligadas ao FLM mas a inauguração oficial será

agora. Junto-me a velhos amigos para ocupar um camarim lateral e ouvir Francesco Valentini que em nome da editora promotora do Festival, Nova Delphi, dá as boas-vindas a participantes e público. Gostei da fala do tipo sobre leitura e ética da escrita, com mais substância do que costuma haver em foguetes inaugurativos destes. Depois sobe o vereador da Cultura e vice-presidente da Câmara, Pedro Calado, canta a evolução da cidade como referência cultural. Convencional. E por fim a Naomi Wolf, apresentada por Valentini como “a consciência crítica da América”. A autora de *Vagina, a Cultural History* fala disso e o Tordo ao meu lado até toma notas. O meu inglês não presta porque inexistente e esqueci procurar aparelho de tradução simultânea, mas dá para apanhar vaginas e pênis e excitações e masturbações e orgasmos e pornografia por aí fora. A consciência crítica da América não é política que é sexual. A norte-americana só me assombra pela desenvoltura em palco e até na plateia. Depois da conferência inaugural segue um debate da palestrante com Rui Tavares, histo-

riador e eurodeputado independente, que assina o prefácio de *O Fim da América*, obra da norte-americana editada pela Nova Delphi. Já não resisti a ouvir mas pelos vistos as reflexões foram muito mais políticas, pondo em questão Guantánamo e a mesma democracia da União Europeia.

Jantar perto do hotel no restaurante e clube de jazz SCAT, com festa final estrelada pelo músico italiano Massimo Cavalli e vários alunos do CEPAM – Escola das Artes. Tenho ao lado a Adélia Carvalho, que é como se conhecesse de toda a vida, e promovemos quadras e trovas para a mesa do lado onde estão os políticos. Erramos o tiro escrevendo para o vereador um agradecimento pelo pão emprestado e temos de rectificar com uma ‘Ode ao João’ para o diretor do Meliã Madeira Mare, parceiro do Festival, que é quem realmente enviara o cereal. Rimos muito e quando a mulher do tal nos exige outro poema para ela estamos exaustos. A coisa acaba num bar ao lado onde a Cláudia da entrevista na tv faz questão de eu provar a excelência das *ponchas*, bebida tra-

dicional da ilha, um combinado de aguardente de cana, mel e sumo de limão, que terá a sua origem na *pãñch* da Índia.

Francisco Franco Outro

4 Abril. Boca com memória do mel e sonolência redobrada, mas vem aí o segundo dever importante: às 10:00 estou com o Rui Zink na bela e artística Escola Secundária Francisco Franco. Sem susto do nome, pois já verificara na web que eles homenageiam um pintor e escultor, levo outro tipo de sustos. Já me acontecera na Itália, no Brasil, em Portugal, mas continuo a chocar-me com estas coisas para mim impossíveis na suposta pátria. Um encantador Cristóvão está à nossa espera.

A Sala de Sessões está cheia, a directora fica no meio e uma linda moça apresenta-me com um PowerPoint e depois um nervoso rapaz faz o mesmo para o grande Rui. Falo eu. Fala ele. Perguntam. Há muitos professores do Norte de Portugal, entre os mais de 250 da escola, Viana, Bragança, Monção. Talvez por isso comigo sejam mais ternurentos. A rapaziada



Intervenção do Rui Zink na Escola Secundária Francisco Franco



Público na escola de Francisco Franco ‘outro’



Vista parcial do cartaz do Festival

Lançamento de *Sérgio Godinho e as 40 Ilustrações*

pede depois autógrafos –há quem conseguisse levar até um livro, mas a maioria pede rabis-car nos de *Expressão Portuguesa!* Alguns pretendem ser escritores, confessam. E a manhã acaba com uma visita guiada e estonteante às instalações. Em termos compostela-nos, um IES Rosalia e Germírez em sincretismo madeirense.

De tarde vou assistir ao Teatro à primeira 'Conversa Cruzada' do Festival, sob patrocínio do título de Mário de Carvalho, *A Arte de Morrer Longe*. São Tiago Patrício, João Tordo, Raquel Ochoa e Tiago Salazar, modera Cláudia Rodrigues. É a mesa talvez mais jovem e não lhe teria ficado mal umas gotas de veteranice para dar contraste. Na pausa que seguiu, antes do lançamento do *Sérgio Godinho e as 40 Ilustrações*, sou avisado de que uma pessoa me procura: aproxima-se a sorrir e não reconheço. É o Eduardo Pires, erasmus portu-ga que tinha sino aluno em Santiago anos atrás! Ele, o Bruno, a Alexandrina, ahhh aquelas primeiras e saudosas vagas! O certo é que tinha trocado algum mail com o Eduardo mas não me constava que estivesse na Madeira, já como professor! Celebramos no bar anexo ao teatro em longa con-

versa. Quando dei pela hora o teatro já fechara e era noite. O Eduardo deixou-me com o seu carro no hotel e felizmente apanhei lá a Manuela Ribeiro e o Waldir Araújo, que tinham sido enviados todo o dia a uma escola de Porto Santo e chegavam ainda do aeroporto. Voltamos ao centro histórico. O pessoal no Ateneu do Funchal estava já no cigarro, à mistura com estudantes universitários. Os retardatários perdemos o trabalho destes, que orientados por Diana Pimentel projectaram nas paredes do pátio um audiovisual inspirado em frases dos autores presentes. Não vi o que de mim pegaram mas no dia a seguir conheci o portentoso Paulo Sérgio Beju, que me deu as suas fotos montadas sobre três linhas de *O Regresso*, para além de uma árvore lavrada a caneta. No bar do hotel ainda houve champanhe e bolo: afinal era o aniversário de Ana Luísa Amaral.

Godinho Maior

5 Abril. O dia com menos deveres. De manhã só a inauguração de uma exposição e de tarde não vou ouvir à primeira hora (14:30) a mesa da universida-

de, como em princípio pensava. Vou para a do Teatro Municipal onde me marcaram uma entre-

“ Na pausa que seguiu, antes do lançamento do *Sérgio Godinho e as 40 Ilustrações*, sou avisado de que uma pessoa me procura: aproxima-se a sorrir e não reconheço. É o Eduardo Pires, erasmus que tinha sino aluno anos atrás! Ele, o Bruno, a Alexandrina, ahhh aquelas primeiras e saudosas vagas! O certo é que tinha trocado algum mail com o Eduardo mas não me constava que estivesse na Madeira

vista de rádio, Antena 1, em simultâneo com o João Luís Barreto Guimarães. Mas será sucessiva e a jornalista pouco ou nada preparara de nenhum. Assisto à conversa cruzada que convoca Ana Luísa Amaral, Filipa Leal, Inês Fonseca Santos, João Paulo Cotrim e Waldir Araújo, modera Paula Moura Pinheiro. O mote é de Schopenhauer, *A arte de lidar com as mulheres*. Magnífico presente do Paulo à Paula, uma pilinha de cerâmica das Caldas!

Segue o lançamento de *A Habitação de Jonas*, de Inês Fonseca Santos, uma das vozes mais frescas da Poesia portu-ga, acompanhada por Filipa Leal, Cotrim e Diana Pimentel. Segue o restaurante por trás do Teatro, à vista do porto, e segue às 21:30 um sensacional Concerto, Da minha língua vê-se o mar, onde o italiano Mariano Deidda declama Pessoa e Pavese, e onde o BOSS Sérgio Godinho prova como até o clássico nos fala com voz familiar de gritar. Inesquecível e talvez histórico.

sábado denso

6 Abril. Grande e último dia do Festival. Com muita coragem ainda vou correr (pouco) na orla da costa à primeira hora.

Mas às 10:00 estou no Teatro para ver a primeira conversa. A partir de *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, falam António Scurati, Carlos Vaz Marques, João Luís Barreto Guimarães e Pedro Mexia, moderados por Ricardo Miguel Oliveira. Scurati *amaga* com falar inglês mas Zink e a plateia reportam a sua escolha ao lindo italiano. Boa mesa.

E quase sem pausa segue a segunda Conversa Cruzada da manhã, *A arte da libertação*, mote tomado de Krishnamurti. Entram Anselmo Borges, Lúcio Araújo, Gina Picart, Tabish Khair, moderados por Sílvio Fernandes. Vai ser a única que perca, esta penúltima, porque tenho dois pendentos incontornáveis e já estou em horas de desconto na ilha: visitar a incomparável Livraria Esperança, agora órfã do seu livreiro Jorge Figueira de Sousa, visitar o Mercado do Funchal que já 20 anos atrás era um festim de frutos e cores. Acabo por conformar-me só ao segundo, pois aparece o Beju e insiste em guiar-nos à Manuela Ribeiro e a mim para comprar algumas frutas –e receber uma ferrada memorável. Na Esperança teríamos sido tomados menos de turistas ingénuos, e os livros até teriam sido mais leves também ao bolso.

Almoço de novo à vista dos iates por trás do Teatro. Mas levanto apressado para ir ao hotel levar a fruta e pegar nos papéis para a minha mesa. De volta o taxista canta-me penas de haver pouco trabalho e ser tudo para uma coisa, primeiro açúcar, depois vinho, agora turismo. O esplendor da cultura sacarina na Madeira acabou com o povoamento do Brasil, país de condições também ímpares para o desenvolvimento da cana. Mas ainda existe um celebrado mel-de-cana madeirense, bom vinho, infinito turismo e realmente muuuito táxi. Eis o problema que não disse para o tipo aquele, que de repente assegura ser do Benfica e pergunta por quem eu torço. Ao dizer Celta de Vigo sem hesitar cai de repente na conta do erro atroz –mas não se vingou especialmente da antiga afrenta!

Estar na última mesa do Festival é grave responsabilidade e eu não sei contar piadas. Custam-me os palcos e assumo isto como uma espécie de dever à *Causa*. Mas já falara da Galiza na tv e na escola, e o tema da mesa é o tema do planeta neste momento: *A arte de pagar as suas dívidas*, a partir do mote de Balzac. Acompanham Raquel Varela, Maria do Rosário Pedreira e Rui Zink, modera Carlos Vaz Marques. Preparei para a ocasião um verdadeiro tratado de 'Fenomenologia do Dinheiro' que evidentemente não cabe, assim que falo em segundo lugar resgatando por oral apenas três ideias referidas às sugestões proposta pela organização (*"A religião do dinheiro e a lei da necessidade. O dinheiro existe? Quanto vale e o que pode comprar? Estamos a viver uma guerra económica? Haverá alternativa ao capitalismo? Pode o capitalismo procurar o bem comum sem mudar o seu ADN?"*).

Depois leio o primeiro trecho que tudo isto intuitivamente me sugerira, uma recordação do meu avô Luís Quiroga, um camponês pobre que na adega da sua casa em Tribás e por baixo de uma arca escondia um estojo metálico com notas de dinheiro. É a primeira vez que numa coisa destas faço um *strip-tease* sentimental e não estou seguro de ter sido conveniente mas foi o modo de juntar ao intelectual o pátrio. Ocupei mais tempo que o resto de parceiros, e nestas coisas esse é um pecado grave, mas tudo ficou contrabalanceado porque o supremo Rui Zink decidiu pagar a dívida que tem para com Sérgio Godinho cantando a "Etelvina" no fim da sua



intervenção. E o público pareceu bem satisfeito da variedade substancial na final conversa cruzada.

E se a Naomi Wolf abrisse, encerra-se a programação do Festival com a outra estrela convidada, Zygmunt Bauman, o insigne Sociólogo e pensador nascido na Polónia, em conversa à mesa com o mediático José Rodrigues dos Santos modera por Diana Pimentel.

No exterior do Teatro recebo presentes de livros, assino assombrado alguns *Inxalás* de capa dura (eu não tenho exemplares e a editora nunca respondeu mail) e reencontro já para despedidas o Eduardo Pires. Converso um bocado com o João Paulo Cotrim, que por tema e formas me recorda o saudoso Hermínio Monteiro. Outra mediática e glamourosa

Paula Moura Pinheiro, que anos atrás me entrevistara na sua mítica e hoje extinta *Câmara Clara* da RTP2, aproxima-se com a proposta de irmos tomar *ponchas*. Juntam-se Filipa Leal e Inês Fonseca. Quando atravessam a rua e se lançam para 2 táxis descubro que a proposta não era de tasca ao lado. Quinta da Casa Branca (www.quintacasabranca.com), um lugar belíssimo que já recebeu prémios de arquitectura, era aquilo que por suposto a Paula tinha na cabeça.

desbunda final

Festa de clausura memorável. Levam-nos por estrada para além de Câmara de Lobos à Estalagem da Ponta do Sol. De novo verifico como algumas coisas, apesar de governadas por uma espécie de *Fraguinha* perpétuo e insular, mudaram

bastante e nem sempre para pior: a dupla faixa atravessa agora a paisagem que anoitece salvando as quebradas com facilidade nova. Chegamos e subimos para a Estalagem por uma espécie de elevador que lembra em pequeno o de Salvador da Bahia. O horizonte abre-se ao Atlântico posto aos pés ainda que só crepuscular se adivinhe. Conversas prévias, *mojitos*, faço ainda um depoimento para a tv que me retarda na incorporação à mesa. Mas tenho sorte e um lugar ao lado do Cotrim e do Vítor Sousa que trabalha na organização do Festival. O Vítor redigira a minha nota biográfica do Programa e já devi então imaginar que o tipo escreve, e bem. O que não podia supor é que tivesse jogado bola contra o Ronaldo e o aturasse uma namorada tão linda! A conversa à mesa com o João Paulo

De novo verifico como algumas coisas, apesar de governadas por uma espécie de *Fraguinha* perpétuo e insular, mudaram bastante e nem sempre para pior

Cotrim, esta vez a comer de verdade, também é promissora de futuras coisas juntos. Enfim, Jam Session com Maggiore e Nuno Filipe e recital poético muito leve.

O meu avião parte às 7 da manhã mas não podia evidentemente pegar nas primeiras levadas à capital. Deveu ser a isso das 2 que numa pequena nave de loucos aponto finalmente ao hotel. O João Luís Barreto Guimarães ia singularmente loquaz e festivo, falava castelhano e português à mistura, cantava e celebrava a vida com um gozo nocturno insólito. Ele é cirurgião plástico e de repente lembrei-me doutro encontro em que do banco traseiro do seu carro, em que ele me acolhera para ir ao restaurante, assistira em delírio a uma conversa dele sobre mamãs com outro poeta consagrado e também médico, Jorge de Sousa Braga. E é que os poetas às vezes falam de tetas e menos poeticamente do que se imagina. Enfim, o Tabish Khair que ia no meio da carrinha ainda tratou de entender algo de tudo aquilo em inglês mas acabou só por cantar uma canção indiana. Na porta do hotel a Filipa Leal tirou o soutien e iniciamos o rito da sua queima alegórica, que na balbúrdia não sei se na verdade chegou a realizar-se. O chefe da Nova Delphi e do evento, Francesco Valentini, chegou nesse momento com nova leva e apanhou o tumulto à porta do empório. Mas também ele acabou por dançar uma espécie de *can-can* masculino em simbologia emblemática da noite boémia que se encerrava. Magnífico encerramento de Festival.

[Das duas ou três horas que ainda dormi, do último café no aeroporto com a incomparável para mim alma do evento, Célia Pessegueiro, dos que não tomei mas desejei tomar com a Sara Oliveira felizmente na organização, e quem por certo me deu uma linda prenda de livros raros –como de tantas recordações que torpemente fui digerindo de volta a casa, não cabe naturalmente mais detalhe, ainda que formem parte também da experiência inesquecível]